



ATIVIDADE ÁLBUM DE FAMÍLIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UM PROJETO EM CONSTRUÇÃO

Deborah da Costa Fontenelle
fontenelle.deborah@gmail.com¹

Resumo

A sociedade não pode ser desvinculada do espaço em que vive e este, por consequência, só faz sentido se associado à sociedade que o criou. Como geógrafa me foi ensinado a ver o mundo desta maneira e agora, como professora, esforço-me para que meus alunos façam o mesmo. Entretanto, esta não é uma tarefa fácil. A sociedade atual, fruto do meio técnico-científico-informacional, parece estar pautada em alguns contrassensos: quanto maior a circulação de informações mais alienados ficamos; quanto mais é facilitada a comunicação mais difícil se torna se comunicar de fato; quanto mais próximos parecemos estar uns dos outros mais distantes estamos. É uma sociedade cada vez mais individualizada. E a escola, inserida neste contexto, segue a mesma lógica. Cada vez mais distante da realidade dos estudantes, a escola muitas vezes não se preocupa em ensinar seus alunos a voarem, mas sim em enquadrá-los, padronizando pensamentos e tolindo olhares. No processo educacional, alunos e professores estão tão acostumados com provas e notas que se esquecem do mais primordial: refletir. Refletir sobre o porquê de estarem ali, sobre qual o sentido da escola, sobre qual sociedade queremos e sobre o papel de cada cidadão na construção dessa. Neste sentido, o presente trabalho pretende apresentar e discutir uma experiência de atividade intitulada Álbum de Família cujo objetivo é despertar o olhar geográfico dos alunos a partir de aspectos observados em suas próprias vidas. Através da construção da sua árvore genealógica e da descrição das trajetórias familiares, os estudantes são convidados a realizar um trabalho de investigação sobre suas próprias histórias, tendo as ferramentas da análise geográfica como suporte. Este trabalho constitui um primeiro relato de experiência acerca dessa atividade, realizada no ano de 2014 no 9º ano do ensino fundamental e no 2º ano do ensino médio. Neste relato são descritas as etapas da atividade, alguns resultados preliminares obtidos a partir das experiências de aplicação, e apontamentos de perspectivas futuras de continuidade e aprimoramento do exercício na sua construção de um projeto maior.

Palavras-chave: práticas pedagógicas não-convencionais, olhar geográfico, família.

Introdução

É comum ouvirmos de professores de geografia do ensino básico reclamações acerca do currículo estabelecido para a disciplina. São ponderações que levam em consideração o fato dos currículos estarem ultrapassados, engessados e não adequados às demandas apresentadas

¹ Docente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ. Trabalho fruto da experiência de aplicação de uma atividade pedagógica na disciplina de geografia em diferentes anos do ensino básico.



atualmente pela sociedade. No entanto, antes de criticar os currículos é necessário nos debruçarmos sobre o seu processo de formação.

A construção do currículo deve ser analisada a partir de seu contexto histórico e sócio-espacial. Como destacado por Straforini (2011), as recentes reformas curriculares propostas no Brasil a partir da década de 1990 estão inseridas no contexto político-econômico global de entrada do neoliberalismo. Pautado nos princípios de competitividade, meritocracismo, individualismo e consumismo, a lógica neoliberal não tardou a atingir o setor público e, conseqüentemente, a educação exigindo sua reformulação e adequação.

Segundo Vilela (2014), o currículo escolar é uma construção político-social fruto de disputas por status, recursos e território. Tal ideia é fundamental para compreendermos que a construção do currículo, ao contrário do que se poderia pensar, não é resultado apenas das demandas científicas das disciplinas, como ressaltado pela autora, mas também de disputas políticas que, entre outros aspectos, estão no cerne da manutenção da disciplina geografia na escola.

Muitas vezes, nessa disputa, alguns conteúdos acabam sendo privilegiados em nome do exclusivismo de tratamento que possuem em detrimento de outros conteúdos que, em tese, poderiam ser abordados por outras disciplinas escolares. Por quê, por exemplo, é colocado como imprescindível à formação dos alunos a compreensão de temas como a formação da sociedade multicultural canadense ou as implicações do meio natural de Austrália e Nova Zelândia sobre suas atividades econômicas enquanto temas que dizem respeito à realidade e vivência dos alunos, como as origens da sociedade brasileira e a organização do espaço geográfico do entorno, são negligenciados?

Neste processo quem perde são os estudantes, pois à geografia cabe não algumas seleções de conteúdos exclusivos de sua competência, mas sim apresentar e capacitar os alunos quanto ao olhar geográfico empreendido acerca de diversos conteúdos. Não se trata, portanto, de defender a permanência da geografia nos currículos escolares a partir da seleção de conteúdos apresentados por ela, mas sim a partir da sua contribuição para a formação de indivíduos capazes de olhar para o mundo e para a sociedade de uma perspectiva sócio-espacial crítica.



Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar, através de uma prática não-convencional, uma possibilidade de atividade que desenvolva a abordagem geográfica que se paute, primordialmente, na vivência do aluno. Para tal, será apresentada uma experiência de atividade intitulada de *Álbum de Família*. Espera-se, com esta atividade, desenvolver o olhar geográfico do aluno através de uma prática que leve em consideração a vida e o cotidiano do mesmo inserido em uma história familiar que se situa espaço-temporalmente no mundo.

Esta proposta de atividade, que será apresentada a seguir, surgiu de inquietações relacionadas não só com a minha prática como professora de geografia em dois colégios do Rio de Janeiro (CAp-UERJ e Notre Dame Ipanema) durante o ano de 2014, como também de observações sobre as formas de tratamento e relacionamento que vêm sendo travadas dentro e fora da escola. Estamos vivendo um engessamento não só do currículo como também das relações interpessoais, o que aponta para a necessidade de se pensar em novas formas de atuação na educação escolar.

A atividade *Álbum de Família*: proposta e desenvolvimento

Como apontado anteriormente, a ideia da atividade *Álbum de Família* surgiu da minha vivência como professora e como observadora em dois colégios da cidade do Rio de Janeiro: o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ e o Colégio Notre Dame Ipanema. Neste sentido, cabe destacar que se tratam de duas realidades distintas. Enquanto o primeiro, CAp-UERJ, constitui colégio da rede pública do Rio de Janeiro, localizado no bairro do Rio Comprido, na área central da cidade, o segundo, Notre Dame, é um colégio da rede privada localizado no bairro de Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, as minhas experiências nos dois colégios também diferem quanto à série de atuação: 2º ano do ensino médio no CAp-UERJ enquanto no Notre Dame atuei no 9º ano do ensino fundamental.

Desta forma, vale reafirmar que o desenvolvimento da atividade partiu não de uma demanda específica sobre determinado conteúdo, mas sim da necessidade de se trabalhar aquilo que é mais primordial para os estudos de geografia: a abordagem geográfica. No entanto, por mais que sua motivação não tenha partido do conteúdo programático, enquanto atividade da disciplina de geografia, foi necessário adequá-la a esse. Por este motivo, as propostas apresentam pequenas diferenças, especificamente no que tange a sua terceira etapa. Ainda, é indispensável sinalizar que, para além da abordagem geográfica, também foi verificada, a partir



de observações acerca do cotidiano dos colégios, a necessidade de se trabalhar as relações humanas entre os alunos.

Neste sentido, a atividade *Álbum de Família* consiste em propor aos estudantes um exercício de investigação acerca de suas próprias histórias e percursos familiares, com o objetivo de despertar e desenvolver o olhar geográfico dos alunos em suas vidas a partir de uma prática não-convencional pautada no seu cotidiano.

Para tal, os alunos foram convidados a construir um *Álbum de família* em três etapas, sendo as duas primeiras iguais para ambos anos de escolaridade. Na primeira, chamada de *Buscando as Raízes: (re)conhecendo a família*, os estudantes deveriam construir a sua árvore genealógica considerando, no mínimo, até a 4ª geração, ou seja, até seus bisavós. Na segunda etapa, chamada de *Trajelórias Geográficas: (re)conhecendo o espaço*, os estudantes deveriam buscar reconstruir os caminhos percorridos pela família no período investigado.

Já na terceira etapa, como já destacado, buscando atender ao conteúdo programático das séries foram realizadas duas propostas distintas, mas articuladas com as etapas anteriores. Para o 9º ano do ensino fundamental, inserida nas discussões sobre globalização, a terceira etapa foi chamada de *Visão de Mundo: (re)conhecendo pensamentos e hábitos*, onde os estudantes deveriam investigar as mudanças ocorridas acerca da percepção e vivência de mundo nas diferentes gerações. No 2º ano do ensino médio, atendendo ao conteúdo de população brasileira, a terceira etapa recebeu o nome de *Censo familiar: (re)conhecendo os dados*, em que os estudantes deveriam construir um ‘pequeno censo familiar’ a partir de três indicadores escolhidos por eles próprios.

Entendendo que cada indivíduo possui diferentes maneiras de se comunicar e se expressar, que se manifestam em diferentes habilidades e competências, foi proposto aos estudantes que a forma de entrega do trabalho fosse livre. Alguns preceitos gerais foram estabelecidos para serem cumpridos em cada etapa, mas o formato final ficaria a critério da escolha de cada estudante.

Desta forma, pode se dizer que os primeiros resultados aparecem logo no momento de apresentação da atividade. Em ambas as séries a proposta foi recebida com inquietação. Alguns estudantes demonstravam confusão e desconfiança, faziam muitas perguntas e procuravam saber como seria possível atender ao que havia sido solicitado. Apontavam que a família era



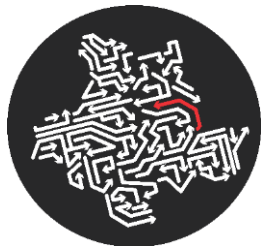
muito grande, que alguns parentes moravam fora do estado ou país, ou que não possuíam contato com alguns familiares. Neste momento também ficou claro que alguns alunos apresentavam grande desconforto com a proposta.

Por outro lado, também foi possível notar muita animação com a atividade. Logo no momento de apresentação da proposta muitos começaram a compartilhar em sala de aula informações sobre suas vidas: de onde vinham seus parentes, o que sabiam de seus familiares, o tamanho da família. Perguntavam se poderiam entrevistar seus avós, se poderiam utilizar fotos, se tinham que apresentar em cartolina. Muitos demonstravam empolgação em realizar um trabalho diferente dos que estavam habituados em fazer.

Ainda na apresentação do trabalho, o formato livre de entrega gerou novas inquietações. Os estudantes demonstraram dúvidas em relação ao que poderiam fazer ou não e em como seriam avaliados. Perguntavam, incrédulos, se poderiam se utilizar dos mais diferentes formatos: cartolina, texto, vídeo, desenho. Faziam as mesmas perguntas diversas vezes sem acreditar que poderiam escolher como apresentar.

Além da forma, os estudantes também demonstraram preocupação no conteúdo apresentado. Perguntavam se teriam, necessariamente, que colocar todos os familiares no trabalho, apontavam que eram muitos, que não conheciam todos, e que seria muito difícil e trabalhoso realizar esse levantamento. Por outro lado, alguns se preocupavam em não conhecer ou possuírem contato com alguns familiares, o que, para eles, inviabilizaria a execução da atividade. Chamou a atenção que alguns estudantes esperavam a aula acabar para apresentar essas questões em particular, e não na frente dos colegas de turma. Neste momento foi necessário explicar que se tratava de um trabalho de investigação e que, como tal, não encontrar as informações que procura também constitui um resultado que merece ser analisado.

Assim, já pelas primeiras reações foi possível perceber que o desafio seria grande, maior do que se imaginava inicialmente. De imediato, algumas questões se colocaram: Estaria a proposta muito distante da realidade escolar?; Estariam os estudantes acostumados com um tipo específico de avaliação?; Estaria a proposta de atividade além das suas possibilidades de trabalho?; Seria possível dar o suporte necessário a cada estudante para a realização do trabalho?.



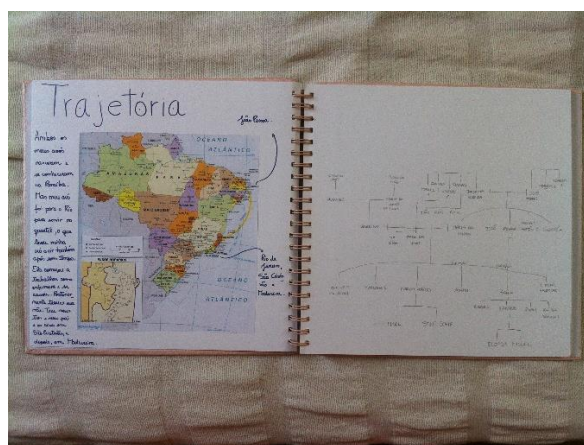
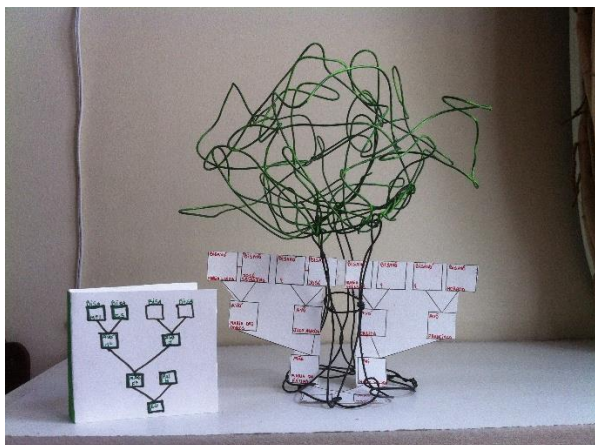
As aulas que se seguiram após a apresentação da proposta e antes da entrega do trabalho foram marcadas por novas (ou velhas) dúvidas. Toda aula algum estudante voltava a fazer as mesmas perguntas, o que demonstrava uma dificuldade de compreensão e, porque não dizer, aceitação da proposta. Parecia que a atividade estava muito distante de suas práticas recentes. Isso porque alguns apontaram que já teriam realizado trabalho semelhante quando estavam no primeiro segmento do ensino fundamental, o que comprova que em algum momento já haviam entrado em contato com este tipo de atividade. Ao mesmo tempo, tal fato indica uma espécie de mudança na lógica de ensino a partir do segundo segmento do fundamental. É como se no primeiro segmento fosse comum e aceitável realizar trabalhos mais lúdicos, mas que a partir do 6º ano se espera que esses fiquem mais burocráticos, atendendo a uma determinada lógica de avaliação.

Também se tornou comum que alguns estudantes retornassem com a questão da falta de condições para realizar o trabalho em função do não conhecimento de uma parte específica da família. Muitos foram os casos que apontavam para uma ausência paterna e para a impossibilidade de entrar em contato com essa história familiar. Neste momento se tornou necessário acolher o estudante em questão e explicar novamente que a ausência de informações no trabalho não constituía uma falha, mas sim um resultado. Cada um tem a sua própria história, que não pode ser mudada, e conhecer a sua já configura um trabalho em si, em amplo sentido.

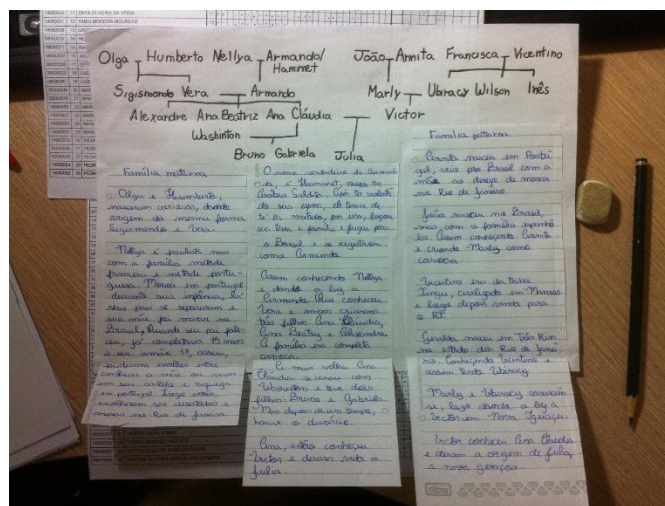
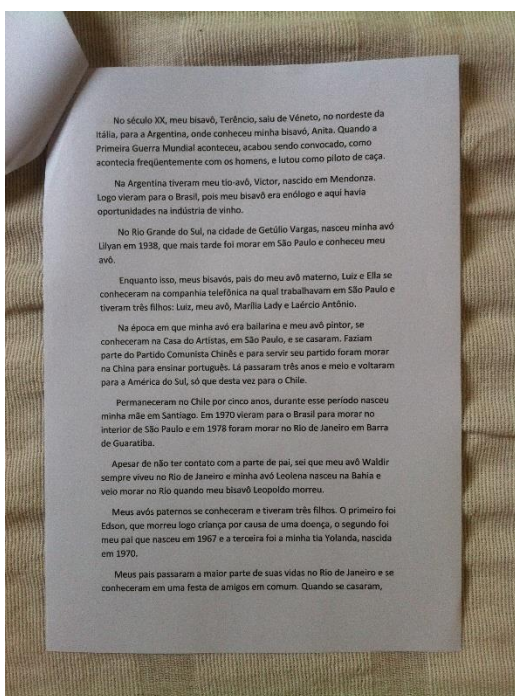
Quando da entrega dos trabalhos outras questões apareceram. De imediato foi possível notar uma diversidade de formatos: muitos apresentaram em cartolinas; alguns fizeram um álbum de família; alguns desenharam; alguns fizeram entrevistas com seus familiares que transcreveram, outros filmaram; alguns produziram um vídeo, outros apresentaram em power point. Mas chamou a atenção que os estudantes do 9º do ensino fundamental apresentaram trabalhos em formato muito mais livre do que os estudantes do 2º ano do ensino médio. Enquanto os primeiros apresentaram trabalhos extremamente criativos, dos mais variados formatos, os mais velhos, de modo geral, entregaram trabalhos escritos em formato acadêmico. As imagens abaixo demonstram alguns exemplos:



Figuras 1 e 2: exemplos de trabalhos do 9º ano do ensino fundamental



Figuras 3 e 4: exemplos de trabalhos do 2º ano do ensino médio



A análise do conteúdo dos trabalhos também indicou algumas questões e apontamentos futuros. Em relação a proposta de investigação foi possível perceber a entrega e dedicação de muitos, que produziram reconstruções detalhadas de suas árvores genealógicas e trajetórias familiares, ilustradas por desenhos, fotos, mapas e imagens. Alguns foram mais simples e objetivos mas, ainda assim, foi perceptível que o trabalho de investigação foi realizado e, logo, esse objetivo cumprido.



Também chamou atenção que muitos colocaram no papel detalhes familiares difíceis de serem abordados: ausências, separações, brigas, mortes, mudanças. Tudo carregado de emoção e costurado por olhares analíticos que buscavam contar uma história. Os acontecimentos em suas vidas serviam como explicação para os percursos familiares e ao descrevê-los os estudantes se situavam no tempo e no espaço entendendo e interagindo com o mundo ao seu redor em diferentes escalas espaço-temporais.

O formato livre de entrega também merece análise. Ao possibilitar que os estudantes escolhessem a forma de apresentação do trabalho permitimos que a criatividade e imaginação dos mesmos fosse ativada, o que produziu resultados surpreendentes. O empenho do estudante não estava apenas em cumprir as etapas propostas, mas também em procurar entender qual seria o formato mais adequado à sua expressão e comunicação.

Por fim, vale destacar também o retorno dos alunos após a realização dos trabalhos. Muitos foram os retornos positivos dos estudantes que apontaram ter gostado de realizar o trabalho. Foi comum o pedido para que mais atividades deste tipo fossem realizadas. Alguns relataram que foi muito bom fazer uma atividade que contasse com a participação das famílias e alguns responsáveis também demonstraram a mesma satisfação. No colégio Norte Dame o retorno foi tão bom que a atividade ganhou espaço para ser exposta na feira anual da escola, onde foi possível interagir diretamente com as famílias. Alguns estudantes agradeceram pela oportunidade de conhecerem suas histórias e de suas famílias e relataram como a atividade acabou influenciando em algumas relações familiares, o que aponta para a necessidade de maior interação entre a escola e a família.

Considerações finais

Apesar deste trabalho constituir apenas um primeiro ensaio sobre a atividade proposta, os resultados preliminares obtidos acerca não só do olhar empreendido, mas também da estrutura familiar dos alunos, apontam para a necessidade de continuidade deste projeto e para as inúmeras possibilidades futuras. Ficou clara a necessidade de se ampliar o escopo do trabalho envolvendo outras disciplinas, como artes e história, em uma abordagem interdisciplinar.

Pela proposta tocar em questões familiares que, sempre trazem questões de difícil tratamento, também se mostrou necessário integrar outras áreas educacionais ao processo, como o acompanhamento pedagógico e psicológico. Mesmo possuindo sensibilidade e acolhimento,



o professor não está preparado para lidar com algumas questões familiares e psicológicas que constituem o estudante e afetam e interferem no seu rendimento escolar. A abordagem combinada entre os núcleos de ensino, pedagógico e psicopedagógico, pode contribuir para um melhor acompanhamento do estudante, podendo gerar um trabalho mais adequado, tanto em termos acadêmicos quanto pessoais.

Assim, passada a primeira experiência de aplicação da atividade, outras práticas foram realizadas nos anos que se seguiram buscando aprimorar a proposta. A partir dos primeiros resultados obtidos podemos concluir que a construção de um projeto pedagógico com o tema, envolvendo outras disciplinas e núcleos da escola se faz necessário. Através de um projeto mais amplo, com maior duração e acompanhamento mais adequado, podemos desenvolver abordagens interdisciplinares, práticas pedagógicas menos enquadradas a formatos convencionais, possibilitando o desenvolvimento do estudante em diferentes áreas de sua formação e o maior envolvimento da família no processo educacional.

Referências bibliográficas

STRAFORINI, Rafael. O currículo de geografia do ensino fundamental: entre conhecer o que se diz e o vivenciar o que se pratica. In: TONINI, Ivaine Maria et al. O ensino de geografia e suas composições curriculares. **Porto Alegre: Ed. da UFRGS**, 2011.

VILELA, Carolina Lima. FINALIDADES DIDÁTICAS E QUESTÕES CURRICULARES: um olhar para o processo de reformulação curricular da disciplina geografia no Colégio Pedro II. **REVISTA DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO PEDRO II**, v. 1, n. 1, p. 35-44, 2014.